

## **Perdidos nos Tabuleiros**

Já era noite quando deixei o engenho Cumaru onde passei duas semanas ocupado em tirar a linha entre dois marcos que, do lado norte, limitavam aquele engenho. Os proprietários estavam ausentes. Apenas os caseiros – constituídos de marido, mulher e dois filhos – ocupavam a casa grande. Todos os membros da família sofriam de maleitas; esforçavam-se para me prestar serviços, sem aquele cansaço que habitualmente têm os doentes dessa moléstia.

Era noite fechada quando me despedi do casal que me hospedara e comecei, com um empregado que me acompanhava, a viagem de retorno à Baía da Traição; era uma noite bastante escura. Apesar disso, podiam-se ver, nitidamente, as constelações e o grande arco da Via-Láctea. Saímos sem conhecer muito bem o caminho através dos tabuleiros paraibanos; à frente, montado num cavalo com dois caçuás, ia o empregado com o instrumento metido num deles, e as balizas no outro. Atrás, ia eu cavalgando, como sempre, um mau cavalo. Assim, sucessivamente, íamos percorrendo os caminhos incertos e desorientados dos tabuleiros, sempre com a mesma vegetação arbustiva: muricis, cajueiros brabos, batiputás e mangabeiras; os batiputás, com os seus frutos vermelhos que davam muito bom óleo de mesa; as mangabeiras ainda carregadas naquele mês de junho, com os seus frutos saborosos.

Soprava um vento leve e arisco, que vinha certamente do mar. Um vento molhado e indeciso; um vento já àquela hora a serviço, destroçado e incerto. Um vento... Um vento contido pelos capoeirões, pois os caminhos não prosseguiam apenas sobre tabuleiros. De vez em quando um desses capões de mato surgia, atrapalhando a passagem para outros tabuleiros.

Tínhamos caminhado já por bastante tempo. Eu seguira, enlevado pela beleza da noite negra e estrelada, escura e iluminada, quando, de súbito, pensei que já era tempo de estarmos bem próximos da Baía, e dela não havia sinal. Suspeitei que estivéssemos perdidos. Parei, então, e gritei para o empregado que ia na frente:

– Pare aí, seu João, parece que vamos errados!

O empregado, João, puxando as rédeas conteve o seu cavalo; ficamos os dois a olhar o céu. Por fim, disse:

– Não tenho nenhuma orientação sobre os caminhos por onde vamos, o único meio que possuímos agora é nós seguirmos em direção do mar, orientados pelas estrelas.

Olhei-as, vi que Orion estava muito alta, devia ser quase meia-noite; já era tempo de estarmos na Baía.

Informei o empregado que d'agora em diante iríamos nos orientar pelas estrelas; eu iria lhe indicando a trilha em direção à praia e acrescentei:

– Se atingirmos o mar e estiver baixa a maré poderemos passar facilmente entre o mar e as barreiras e assim atingimos facilmente a Baía.

Foi como procedemos. No entanto, estávamos num plano mais alto do que o da praia estávamos por cima das barreiras que orlam o litoral paraibano, naquele local. Precisávamos descer cerca de quinze metros; em todos os lugares em que tentávamos descer, víamos a queda abrupta e íngreme da barreira. Depois de várias tentativas, encontramos finalmente, na região do Tambiá, uns sulcos profundos que mergulhavam, de maneira menos abrupta, para a praia; no entanto, ainda era muito difícil a descida, mas tentamos. Precisamos descer dos cavalos e puxá-los pelas rédeas com muito cuidado, sobretudo o que ia carregado com os apetrechos usados em nossos serviços. Todo o cuidado era pouco, pois os cavalos resistiam, se amedrontavam, recuavam, e nós procurávamos uma nova linha de descida, um outro declive mais suave, menos perigoso, para evitar uma queda onde se desse possível fratura nas patas

dos animais. Fomos assim, pouco a pouco, descendo entre aqueles sulcos profundos, de uma terra pegajosa e escorregadia; fomos indo, pouco a pouco.

Com muito cuidado, conseguimos descer até a praia e tornamos a montar. Felizmente a maré estava em vazante, tudo levava a crer que quando chegássemos às pedras já houvesse uma passagem fácil entre elas e as barreiras, podíamos ir tranquilos. Mesmo que encontrássemos ainda a passagem difícil, podíamos esperar pouco tempo, teríamos sorte; se fosse de enchente a situação da maré, teríamos que esperar que a enchente se completasse e depois começasse a vazar.

Dentro de alguns minutos chegamos aos pedregulhos, ainda com água nas proximidades das barreiras, esperamos um pouco e, depois, passamos fácil pela pequena faixa de praia que separava as pedras dos barrancos.

Agora estava o caminho aberto, sem empecilhos, sem dificuldades, para o povoado onde morávamos; já se via de longe o grande coqueiral da Baía da Traição.

Caminhávamos agora com segurança sobre o chão batido da praia de areia endurecida pela água do mar.

Aproximava-se o povoado, já avistávamos as primeiras choupanas. Começávamos, porém, ao mesmo tempo, a ouvir uma música, com um som de batuque anunciando que era noite de festa na Baía. Com efeito, ao aproximarmo-nos ouvimos mais agudos os sons das palmas e dos tambores usuais na dança do coco.

Disse eu:

– É dia de festa na Baía.

O empregado que me acompanhava explicou:

– Hoje é dia de Sant'Ana. Esse dia, como por Santo Antônio, São João e São Pedro, é também festejado na Baía da Traição, com as mesmas danças: coco-de-roda, para as mulheres, coco isolado para os homens.

Entramos no povoado e ouvimos agora nítido, o canto do coco, tirado pelos homens:

*Todo mundo teve sorte*

*– O que é, minha comadre?*

*Lá na pesca do Tavu*

*– O que é, minha comadre?*

*Só o pobre do teu compadre.*

*– O que é, minha comadre?*

*Só pescou Sambararu*

*Passa pra qui, Tavu*

*Passa pra qui, Sabararu (repetido)*

Penetramos mais ainda na única rua do povoado e ouvimos além do canto também o ruído do palmeado, dos ganzás e o batuque dos tambores:

*Todo mundo teve sorte etc.*

Passamos pela casa de Sinhá Josefa, que possuía um coco-de-roda somente de moças, e ouvimos a sua música e vimos os seus corpos gingando nas umbigadas. Sua música era assim:

*Pisei, saltei,*

*Na Barra de Coqueirinhos.*

*Meninas, vamos*

*À praia pescar peixinhos.*

*Pisei, saltei*

*Na Barra do Miriri.  
Meninas, vamos  
À praia pescar siris.*

E assim prosseguia.

Eu e meu empregado continuamos a cavalgar ao longo da única rua que existia naquela vila e notamos que a festa prosseguia com alegria e entusiasmo; era tarde, porém, os festejos de Sant'Ana estavam praticamente no fim. As moças que dançavam aquele coco-de-roda giravam ainda, dando as umbigadas que caracterizam a dança, muitas, entretanto, cansadas, já se tinham retirado.

A noite estava quase no fim, o céu, de um azul profundo, cobria os coqueiros, que, neste céu, recortava silhuetas sombrias.

Sant'Ana! Louvei Sant'Ana, na véspera do seu dia como era costume festejar-se Santo Antônio, São João e São Pedro. Lembrei-me de que, na minha infância, no grande sítio em que morávamos no Zumbi, no meu subúrbio do Zumbi, para louvar estes santos fazíamos fogueiras, procurávamos fogueteiros para comprar foguetes: os busca-pés, os fogos do ar, as limalhas! Lembrei-me que sempre se falava, todos os anos, no fim da noite da véspera de São Pedro, na possibilidade de se festejar Sant'Ana. Na Baía da Traição, essas festas não tinham fogueiras, nem foguetes; aquela gente pobre não possuía dinheiro para festejar com tantas despesas, mas com muitos cantos e alegria festejavam esses santos do Cristianismo, inclusive Sant'Ana.

Sant'Ana! Foi na véspera de Sant'Ana que nos perdemos nos tableiros, com o risco de passarmos a noite perdidos ou talvez em resultados mais graves na descida do Tambiá, com a perda de um dos cavalos pelo menos, naquela descida perigosa.

Sant'Ana! Foi Sant'Ana quem nos apresentou a praia limpa de maré alta? Que nos possibilitou viagem fácil até a Baía? Foi Sant'Ana, na véspera de seu dia?

Cheguei à porta da casa onde morava; o empregado tirou o instrumento e as balizas e guardou-os, depois levou os dois cavalos, trôpegos e cansados.

Olhei a praia próxima; estava ainda vazia de pescadores.

Preparei-me para me estender na rede e dormir; de uma casa perto da nossa, chegou-me, porém, o som dos batuques dos ganzás e dos tambores; detive-me e fiquei a ouvir os trechos de embolada que cantavam:

*E Santa Cruz grita: fogos!  
Não deixa o rifle esfriá, Helena  
Ai! Helena  
Onde vai morena Helena?*

Logo depois, uma voz grita: Viva! Viva! E o canto prosseguiu, agora cantando outra história; agora não era mais a história do assalto do Bacharel Santacruz a Alagoa do Monteiro; o canto de novo vinha, numa outra voz:

*Eu entrei na academia  
Pra estudar preparatório.*

*Helena, Ai, Helena!  
Onde vai, Morena Helena  
Estudei tanto de tudo*

*Que fiquei sem saber nada, Helena*  
*Ai! Helena*  
*Onde vai, morena Helena?*

Uma outra voz meio alcoolizada, mais rouca e esquiva, se fez soar;

– Muda! Muda!

Houve um silêncio, pensei que tinha cessado o brinquedo, mas logo uma voz, exigindo outra embolada, se ouviu:

--Outra! Outra!

Levantei-me, fui até a porta. Aquela música e a emoção porque passei durante aquela viagem noturna me tirava o sono; olhei, entre as palmas dos coqueiros a primeira luz da manhã; mas a voz continuava:

--Outra! Outra!

Parecia que estava mesmo tudo terminado; voltei para o interior da casa.

Deitei-me na rede para dormir, certo que estava tudo acabado; deitei-me e sentia-me satisfeito por ter conseguido vencer as irregularidades e incertezas dos tabuleiros, com os seus caminhos divergentes; ter conseguido reduzir as suas linhas vacilantes a linha firme das ribanceiras que vão da Baía da Traição à foz do Camunupi, rio que limita a Paraíba com o Rio Grande do Norte.

Deitado na rede, fiquei ainda sem sono, creio que poucos minutos; de repente ouvi de novo os zabumbas e um canto de embolada:

*Balão, Balão bateu*  
*No alto da Barra se perdeu.*  
*Balão que veio*  
*Além da serra se escondeu.*

Adormeci. No horizonte longínquo, uma fimbria de luz já aparecia entre os coqueiros da Baía; amanhecia.

Naquela praia formosa, paraibana, o dia de Sant'Ana amanhecia.  
Amanhecia!